

Economia - Brasil

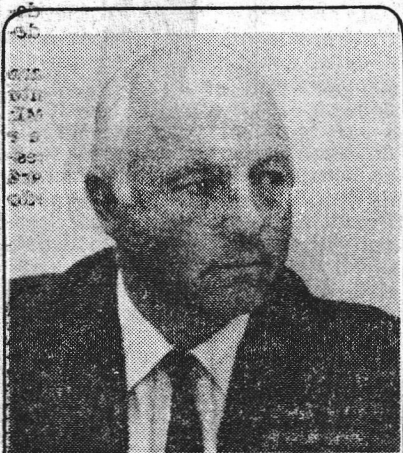
Ibmec prevê superávit de 4 bilhões sem máxi

ESTADO DE SÃO PAULO 30 ABR 1987 20 ABR 1987

AGÊNCIA ESTADO

O Brasil poderá chegar ao final do ano com um superávit de apenas US\$ 4 bilhões, se a proposta de "pequena maxidesvalorização" do cruzado, levantada pelo novo ministro da Fazenda, Bresser Pereira, ou alguma medida do mesmo gênero não for efetivamente concretizada. A previsão é do diretor do Centro de Estudos Econômicos do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), João Luís Mascolo, que ontem deu total aprovação à idéia do ministro, ressaltando apenas que o ideal seria uma "máxi com amparo fiscal", ou seja, aplicada ao mesmo tempo que uma política fiscal rigorosa, especialmente de corte do déficit público, para neutralizar um eventual impacto inflacionário de curto prazo.

A despeito de incompreensões sobre a expressão usada pelo ministro — alguns economistas se perguntam se uma "pequena maxidesvalorização" seria o mesmo que uma "grande minidesvalorização" —, João Luís Mascolo afirma que a situação do Brasil no Exterior está muito deteriorada: tanto pela perda de competitividade dos produtos brasileiros, decorrentes da defasagem do câmbio em 20% desde janeiro do ano passado, segundo seus cálculos, quanto pelas dificuldades já sentidas com a perda de determinados mercados, uma vez que parte das exportações foi revertida para o mercado interno, em consequência do aumento do consumo.



Gerdau pede a "verdade"

MEDIDA NECESSÁRIA

O economista combateu o tradicional argumento contra a maxidesvalorização do cruzado de que a medida não seria necessária porque estamos atrelado ao dólar, o cruzado já estaria sendo desvalorizado (na medida em que a moeda norte-americana está perdendo para o marco, o tene e outras moedas. Segundo ele, o Brasil aproveita muito pouco desse benefício, já que muitos de seus concorrentes, como a Coreia, Cingapura, Indonésia, Israel e Argentina também têm moedas atreladas ao dólar e, portanto, recebem a mesma vantagem. Só que o Brasil, na opinião dele, ainda está em desvantagem dentro desse bloco de beneficiados, porque o salário real no País está crescendo mais rápido que a produtividade — o que encarece o produto brasileiro — e porque é difícil recuperar a parcela de mercado perdida no ano passado.

O segundo argumento utilizado frequentemente contra a máxi — de que a medida provocaria um impacto inflacionário — não é descartado por João Luís Mascolo, mas ele afirma que isso só ocorrerá se o governo não fizer uso de uma política monetária e fiscal voltada ao combate da inflação e centralizada no corte do déficit público. Se não houver uma alteração no câmbio, diz o economista, a única alternativa para melhorar a situação do Brasil no Exterior será no caminho do desaquecimento da economia: "Nesse caso, o custo social da não-aplicação da máxi será muito alto", avalia. Mascolo não discorda de um segundo choque na economia, mas acha que este deve ser "mais inteligente" do que o Plano Cruzado, com política monetária e fiscal austeras. Ele, porém, diverge de Bresser Pereira na avaliação do superávit para este ano, afirmando que, na previsão mais otimista, este não passará dos US\$ 6 bilhões, ao contrário dos US\$ 9 bilhões previstos pelo ministro.

SEM MUDANÇAS

A partir das declarações feitas ontem pelo presidente José Sarney no discurso de posse do novo ministro da Fazenda, Bresser Pereira, o ministro Raphael de Almeida Magalhães, que foi candidato ao cargo, acredita que não haverá mudanças no programa econômico traçado pelo PMDB e na política econômica que o País vem adotando desde o tempo de Dílson Funaro.

Raphael destacou os pontos que considerou mais importantes no discurso do presidente: não haverá recessão, haverá crescimento econômico, distribuição de renda e a negociação da dívida externa é uma posição sem volta. Apesar das evidências o ministro da Previdência Social também não acredita que o País recorra ao FMI.

Ele aposta também que o Brasil terá empréstimos pontes a hora que quiser. Os bancos estrangeiros farão fila aqui porque não querem perder juros aplicados com empréstimos ao Brasil", acredita Magalhães.

Já o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, diretor-presidente do grupo Gerdau, outro citado como possível substituto de Dílson Funaro, recebeu bem a indicação de Bresser Pereira e recomendou que "a verdade econômica" seja transmitida ao País.

NOVO CHOQUE

No Rio, o economista Eduardo Modiano, da PUC, considerado um dos "pais" do Cruzado, disse aprovar a proposta do novo ministro da Fazenda, de um choque econômico de características heterodoxas. E acha que um "novo plano de desindexação deveria vir mesmo dentro de dois meses", só que um congelamento sem a mesma abrangência do que foi feito no Plano Cruzado. Em sua opinião, a inflação inercial está caminhando para um patamar em torno de 15%, embora a de abril possa ficar acima disso.

Modiano entende que o plano Sayad e o plano Arida deveriam servir de esboço para as discussões sobre os rumos da economia.

O presidente do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, preferiu não comentar os planos do novo ministro, alegando desconhecer novas diretrizes. Mas não poupou elogios a Bresser Pereira, "de reconhecida competência", e de quem, apesar disso, não se deve esperar milagres "porque a situação é difícil para qualquer ministro".

DÍVIDA EXTERNA

O economista Thomas Lehwing, que durante sete anos atuou no FMI e hoje integra os quadros do Instituto de Mercado de Capitais, procurou destacar que o novo ministro deverá negociar com os bancos credores da dívida externa brasileira menor taxa de risco (spread). E ressaltou que Bresser Pereira poderá enfrentar e resolver os problemas econômicos do País, "desde que os políticos" o deixem trabalhar.

Ao manifestar sua esperança de uma política econômica que venha "tirar o País do marasmo", o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, externou sua esperança de que a escolha de Bresser Pereira permita, também, "um apaziguamento de ânimos" entre o presidente José Sarney e o PMDB.

O governador Álvaro Dias, do Paraná, procurou destacar que a "euforia dos banqueiros norte-americanos consagrou o ministro Funaro na saída", mostrando que ele era "o defensor de todos nós". Acrescentou que espera ver no novo ministro da Fazenda "a mesma postura".



Modiano aprova choque